

Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras.

Rosana da Câmara Teixeira
Faculdade de Educação/UFF

É verdade que a emoção do futebol é para ser mostrada e gritada. Não há nenhuma razão para ocultá-la. Vai-se a um jogo justamente para soltar emoções, para libertá-las, sem esconder nada. E aí (...) o que há é o torcedor, o homem que ama um clube e se entrega a ele, vivendo o destino dele num match. Só que esse destino do clube num match é o destino do torcedor no match. Não há como fugir dele (NELSON RODRIGUES, 1987).

Em minha dissertação de mestrado¹ “Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas” (1998) busquei refletir sobre representações e práticas que envolvem o cotidiano de um grupo de torcedores organizados, procurando compreender os significados atribuídos à paixão pelo futebol e pela torcida, assim como o papel do conflito na elaboração de sua identidade. As torcidas jovens cariocas (Torcida Jovem do Flamengo, Torcida Jovem do Botafogo, Força Jovem do Vasco e Young Flu) surgiram entre o final dos anos 60 e o início dos anos 70² encontrando-se entre as mais importantes de seus clubes seja em número de participantes, seja pela visibilidade obtida junto à mídia.

As imagens e as interpretações veiculadas nos meios de comunicação enfatizavam a transgressão e a agressividade deliberada como características centrais desses agrupamentos. Logo, quando se afirma que estas torcidas são “violentas”, o que está suposto é que elas promovem a “desordem”, “intimidam”, praticam atos de “delinquência e “vandalismo”, ferindo-se fisicamente, envolvendo e prejudicando outras pessoas.

Investigando as características deste tipo de sociabilidade³, busquei ir além do rótulo de “violentas”, analisando as interpretações daqueles que vivenciam esta

¹ Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Historicamente, a Torcida Jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento deste tipo a se constituir em 6/12/1967, seguida pela Torcida Jovem do Botafogo (9/9/1969), pela Força Jovem do Vasco (criada em 1969, mas oficialmente fundada em 12/2/1970) e pela Young Flu do Fluminense (12/12/1970).

³ Ao invés das torcidas personificadas predominantes até então, as organizadas inauguram novo padrão de relacionamento entre si e com os dirigentes dos clubes. Através deles, a paixão individual pelo time é canalizada para uma ação organizada pautada por projetos comuns. Assumindo um papel de pressão política junto aos clubes, essas associações torcedoras são mais autônomas e impessoais se comparadas às

experiência social procurando entender como o conflito e a rivalidade são apropriados e reinterpretados pelos torcedores, refletindo sobre as condições sociais em que produzem sua experiência.

Nesse sentido, uma das possibilidades de se entender esta experiência social, se dá a partir da tensão entre duas dimensões, a filosofia - categoria nativa - , que se refere aos princípios norteadores da ação e que envolve uma concepção sobre o que se faz e a prática - o que efetivamente se dá, como se age e refere-se às ações desses indivíduos em torno de projetos coletivos.

A filosofia inclui, ainda, uma percepção sobre a “briga” que não se limita a uma definição da mesma, mas revela ambigüidades e contradições, exatamente porque articulada a uma prática. A prática, o plano do vivido, é a dimensão em que se observa uma permanente tensão entre a violência simbólica ritualizada nos estádios e a violência física sendo a passagem de uma esfera à outra difícil de prever.

Em suma, o argumento defendido é que ser torcedor de uma torcida jovem implica encarnar certos valores, assumindo regras e formas de agir que conferem um determinado conteúdo e significado à paixão - sentimento que justifica o pertencimento e explicita como se entende a relação com o clube e com a torcida. Esta pode ser encarada como dedicação, doação, sacrifício consistindo, também, na disposição para a luta, representada como uma obrigação moral que remete a representações sobre honra, coragem e poder.

Quando a adesão é encarada de forma incondicional, a paixão pode se tornar duplamente perigosa seja porque pode levar o torcedor a romper com relacionamentos familiares, amorosos e profissionais, ou ainda porque possibilita o confronto físico, cujas conseqüências não podem previstas.

No ano de 2007, quando pensava em fazer um balanço sobre meu trabalho que completaria 10 anos, fui procurada por uma das lideranças de uma das torcidas jovens cariocas que tinha interesse em saber detalhes da pesquisa, “discutir” meus dados, mas, ao mesmo tempo, insistia sobre a importância de “atualizá-los”. Tivemos, então, dois encontros: uma primeira conversa informal e, na seqüência, uma entrevista formal. Nesta, ele minuciosamente falou das mudanças que se passavam no cenário das torcidas

anteriores. Nelas observa-se cada vez mais a presença de jovens em detrimento de adultos que predominavam até então.

cariocas, pontuando especialmente o surgimento dos novos movimentos torcedores. Fruto de dissidências, eles manifestavam explicitamente o desejo de distinguir-se do modo de torcer das organizadas, explicitando outra forma de sociabilidade em relação ao futebol.

Nesta apresentação, gostaria de discutir o surgimento desses movimentos no Rio de Janeiro, refletindo sobre possíveis mudanças e continuidades nas manifestações torcedoras. Que características os distinguiriam do padrão de torcer das organizadas? Qual a concepção sobre o torcedor e seu papel na torcida? Que relações mantêm com as organizadas? Em que medida o surgimento desses movimentos provocou um reposicionamento das torcidas jovens cariocas?

Essas análises preliminares têm como fundamentos metodológicos entrevistas e conversas informais⁴ com integrantes desses diferentes grupos além da análise do material disponível nas páginas criadas na internet.

TORCIDAS ORGANIZADAS E NOVOS MOVIMENTOS TORCEDORES: A CENA CARIOCA

Os novos movimentos de torcedores no Brasil, inspirados nas “barras bravas” sul-americanas, especialmente naqueles vindos da Argentina, que entram no país pelo Rio Grande do Sul, com destaque para a Geral do Grêmio, criada em 2001; acabam se disseminando por outros estados brasileiros, encontrando grande visibilidade na mídia:

“Não se sabe ainda se esse novo modelo, que faz apelo também às origens e a uma retórica da tradição das torcidas nos anos 1940 e 1970, irá superar o modelo das Torcidas Jovens. Sabe-se, no entanto, que elas têm o apoio dos meios de comunicação, dentro de um projeto pedagógico e de um interesse mercantil que requer um remodelamento na infra-estrutura dos estádios” (HOLLANDA, 2010, p.25).

Entre as suas características principais, podem ser destacados o uso de faixas e bandeiras com frases de apoio ao time, o fato de acompanharem as partidas sempre de pé, entoando cânticos do início ao fim, não admitindo vaia, independente do placar do jogo.

⁴ Agradeço aos torcedores que relataram suas experiências possibilitando essa reflexão preliminar.

No Rio de Janeiro, o surgimento desses movimentos é observado, especialmente a partir de fevereiro de 2006 com a criação da “Loucos pelo Botafogo”, conforme relato abaixo:

“Insatisfeito com o ritmo da Jovem, sem expectativas de que algum dia a gente fosse voltar, apareceu a proposta de criação da Loucos ‘a gente não vai ter liderança, não tem envolvimento com dinheiro, a gente vai cantar o Botafogo o tempo inteiro’. E eles têm um slogan que eu acho sensacional: ‘bem-vindos ao hospício’.

Realizando uma primeira aproximação, analisei páginas *na internet* da Legião Tricolor (Fluminense), Loucos pelo Botafogo, Guerreiros do Almirante (Vasco da Gama) e Urubuzada (Flamengo) e pude constatar que em seus estatutos se definem como “movimentos de arquibancada”, “sem rixas”, inspirados nas barras bravas sul-americanas, que pretendem fundar um “novo conceito de torcida”:

“Os Guerreiros do Almirante foram criados com a finalidade de UNIR toda a Massa Vascaína em torno de uma só causa: APOIAR O VASCO ACIMA DE TUDO!!! Para isso buscamos inspiração no apoio incondicional das Barras Sul-Americanas, na consciência política dos ULTRAS da Europa, estilos diferentes de torcer das nossas tradicionais Torcidas Organizadas (T.O.), onde é obrigatório cantar durante todo o jogo, não importando o placar da partida”.

“O nosso movimento surgiu para tentar acabar de vez com a passividade de nossa torcida, pois acreditamos de verdade que torcida pode ganhar jogo. Podemos sim ser um 12º jogador nas arquibancadas! E time que joga com um a mais geralmente não perde! Esse é o espírito que a Legião Tricolor vem tentando implantar em nossa torcida. Não queremos ser apenas espectadores, queremos participar ativamente de cada jogo, fazendo a diferença. Queremos sair do estádio exaustos como os jogadores”.

“O movimento deu início quando um grupo de amigos Rubro-Negros, em sua maior parte vindo de outra grande torcida organizada se uniu com o intuito de fundar um novo conceito de torcida Esses torcedores, que acompanham o rubro-negro aonde quer que ele esteja, passaram a se reunir no setor 40 da arquibancada do Maracanã. O crescimento desse movimento já era notável, e então veio a idéia de fundar uma torcida diferente, não apenas no modo de torcer, mas também no de pensar e em ajudar ao clube. Daí em diante tudo foi acontecendo naturalmente, até que surgiu um nome que marcará época e que foi escolhido a gosto de todos: URUBUZADA”.

Os movimentos, resultado da reunião de amigos, alguns inclusive ex-integrantes de torcidas organizadas, identificam entre seus objetivos: unir a massa torcedora (sem subdivisões), incentivar o time (“cantar é obrigatório, não importa o placar”; “paixão é participação”), a valorização do torcedor como “patrimônio” (cuja integridade física deve ser preservada) e o “fazer festa”, traduzida no incentivo através dos cânticos, na

afirmação da identidade clubística, em detrimento da paixão pela torcida, recusando segmentações, além do repúdio à violência.

“Somos um movimento de arquibancadas. Evitamos envolvimento em rixas contra adversários, na medida em que entendemos que nosso maior patrimônio é o NOSSO COMPONENTE e a sua vida, bem como a sua integridade física é nossa preocupação principal” (Guerreiros do Almirante).

“O movimento não apoiará, de forma alguma, qualquer apologia à violência. Nossas músicas, tampouco nosso comportamento dentro e fora dos estádios, não devem conter este tipo de mensagem” (Legião Tricolor).

“Não possuímos subdivisões em regiões, pelotões, grupos ou outros tipos de denominações, pois a URUBUZADA é ÚNICA assim como o FLAMENGO. A questão de alianças ou uniões deixou bem claro que somos torcedores do FLAMENGO, clube que amamos e iremos torcer honrar e defender sempre que preciso”.

Algumas reforçam ainda que não têm uniforme próprio, defendendo o uso da camisa oficial do clube:

“Pegue uma camisa oficial ou licenciada do nosso amado Vascão, e fique no meio das nossas ‘barras’, aquelas faixas verticais que vão do alto até embaixo das nossas arquibancadas, pulando e cantando até a vitória final” (Guerreiros do Almirante).

“O único símbolo a ser exaltado é o escudo do FFC;
Não existe uniforme. Se existisse, seria a camisa do FFC” (Estatuto Legião tricolor).

“A camisa não foi de difícil escolha. O modelo desejado por todos foi o MANTO SAGRADO usado na maior de todas as batalhas, a final do Mundial Interclubes em 1981” (Urubuzada).

Segundo um torcedor organizado, os movimentos têm um papel importante na mudança da cultura do torcedor nos estádios. A torcida organizada em sua opinião “peca”, em alguns momentos, quando, por exemplo, “o clube está mal no jogo e a torcida fica omissa, se cala, fica apática, ou então, começa a vaiar e a xingar e o jogo não é o momento pra isso”. O protesto deveria acontecer no treino, pedindo que “honrem a camisa”. Já os movimentos populares, em sua perspectiva, trouxeram esta mudança, o jogo é o momento do incentivo, na vitória e na derrota, em nome da sua história, dos ídolos, o que importa é o apoio incondicional, esta é a vocação da torcida.

“O movimento passou a ter enorme adesão a partir do lançamento da música "E ninguém cala esse nosso amor", uma adaptação da ultra Super Dragões, do FC Porto. A canção, que foi entoada a primeira vez em uma partida contra o Fluminense no Estadual, passou a ser a principal música da torcida botafoguense no Brasileirão de 2007. (...) Na reta final do Campeonato Carioca de Futebol de 2008, o movimento iniciou um projeto para criar bandeiras com as faces dos ídolos botafoguenses” (Loucos pelo Botafogo).

“Também foi com esse mesmo espírito que no dia 16 de Agosto de 2006, quinze ‘loucos’ se encontraram em São Januário, bem ali, na saída 3. Com o decorrer do tempo, cada vez mais guerreiros se uniram. A ‘loucura’ aumentou e o reconhecimento foi conquistado, não apenas como mais um movimento, mas, principalmente, pelo fato de que demonstramos que o nosso lema ‘o Vasco merece muito mais do que podemos oferecer’ não é apenas uma figura de retórica” (Guerreiros do Almirante).

“Nosso objetivo é modificar a maneira da nossa torcida se comportar no estádio, e para isso desejamos o ingresso de tricolores comprometidos com essa mudança de atitude. Nossa proposta é apoiar o Fluminense durante as partidas, cantando ininterruptamente os 90 minutos de jogo, e, para isso, contamos com tricolores que tenham este mesmo ideal e que sejam capazes de ajudar, efetivamente, o movimento quando no estádio” (Legião Tricolor).

“Nosso pensamento é fazer de cada jogo uma verdadeira festa, sem violência, com o objetivo de atrair aqueles que apenas querem torcer, seja homem, mulher, criança ou adulto, e fazer com que a paz volte a reinar nos estádios” (Urubuzada).

Se os cânticos são estratégicos na manifestação no estádio, os conteúdos se pretendem distintos: para os movimentos populares, o incentivo ao clube deve ser a tônica, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes.

De qualquer modo, eles configuram a “fala torcedora” (TOLEDO, 1996), através da qual produzem narrativas na tentativa de marcar posições e diferenciações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sugere Nelson Rodrigues, no fragmento citado no início deste texto, o torcedor é o homem que ama um clube e este amor significa entregar-se, viver, num jogo, seu destino, do qual, nunca escapa. O torcedor é aquele indivíduo que se entrega a esse amor, sentimento que não se desgasta, experiência de dedicação e, muitas vezes, de sofrimento.

É por tudo isto que o espectador do jogo, no Brasil, denomina-se torcedor, expressão derivada do verbo torcer, indicando a idéia de se retorcer, se revirar, de se

virar sobre si mesmo (DAMATTA, 1994). Ele é um sofredor, como assinalou Leite Lopes (1994), chamando a atenção para o fato do sofrimento ser um tema comum ao amor e ao ato de ‘torcer’ por um time, para a peculiaridade da designação brasileira se comparada os *fans* (de fanatics) ou *supporters*, tal como são denominados na Inglaterra e também na França.

A convicção e a fidelidade são elementos valorizados que estruturam a subjetividade do torcedor. Para ele, a paixão clubística implica “vestir a camisa”, assumir uma história, compartilhar ídolos e glórias passadas, suportando derrotas, traições por parte de dirigentes, de jogadores e, muitas vezes, inclusive, as gozações dos adversários.

Na realidade, a idéia do amor, codificado como escolha, fundado na afetividade parece tratar-se de uma idéia central na nossa sociedade. No entanto, se partimos do pressuposto de que não existe amor ou dor universal, que elementos estruturam essa escolha que os torcedores chamam de paixão? Que sentidos são evocados para identificar, caracterizar e distinguir tais agrupamentos?

De acordo com Marcel Mauss (1979), os sentimentos são categorias sociais que variam de acordo com a grade classificatória de cada cultura, por isso são expressões coletivas que o indivíduo aprende a experimentar, do contrário, seriam sempre iguais em sua manifestação. Assim considerando, o modo de expressar esse sentimento é, também, a forma de experimentá-lo.

Vale destacar que se por um lado, os movimentos populares no Brasil sofrem a influência do modelo de torcer sul-americano, é necessário, por outro, investigar as apropriações feitas e os novos sentidos atribuídos, ou seja, deslocados de seu contexto original, a ressignificação de valores e práticas permite criar algo diferente, original.

Deve-se considerar, ainda, tal fenômeno do ponto de vista estético, atentando para o aspecto corporal, gestual, da linguagem, tomando-os, desde já, não apenas como meros adereços, mas como elementos centrais para o entendimento da conduta que assumem e das imagens e discursos que constroem a respeito de si mesmos, permitindo, ainda, avaliar o peso desta identidade frente às outras.

Importante investigar na seqüência, em que medida o crescimento destes novos agrupamentos, em virtude da sua popularidade e prestígio junto à mídia, não tornará inevitável a institucionalização dos mesmos. Isto significa dizer que podem enfrentar

desafios comuns àqueles vividos pelas torcidas organizadas em relação ao controle de seus membros e atividades provocando impactos sobre a própria concepção de torcer que defendem e sobre os sentidos atribuídos à paixão futebolística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, Pablo. Fútbol y política en la Argentina: ética, estética e retórica del *aguante*. *X Congresso Internacional de Historia Del Deporte*, Sevilla, 2 al 5 de noviembre de 2005.
- BROMBERGER, Christian. Pour une ethnologie du spectacle sportif: les matches de football à Marseille, Turin et Naples. In: ALTHABE, G. FABRE, D., LENCLUD, G. **Vers une ethnologie du present**. Paris, Éditions de la Maison de Sciences de l'Homme, 1995.p.211-243.
- DA MATTA, Roberto.. Antropologia do Óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP - Dossiê Futebol**, 22:10-17, 1994.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa, Edições 70. Perspectivas do Homem, 1991.
- ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Ser torcedor no Brasil e na França: surgimento, difusão e dinâmica das torcidas organizadas de futebol. Passages de Paris Édition Spéciale (2010).
- LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro. Ed. Record, 1983.
- LEITE LOPES, J.S. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. **Revista USP**, n^o 22, junho, julho, agosto, 1994. p.64-83.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org), **MAUSS**, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática. 1979.p.147-153.
- PAIS, Jose Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.
- FILHO, Mário., RODRIGUES, Nelson. **Fla-Flu...e as multidões despertaram!** Rio de Janeiro, Edição Europa, 1987.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A gente ainda nem começou: idolatria e culto entre os fãs de Raul Seixas. PontoUrbe Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, ano1, julho, 2007. Disponível na internet: <http://www.n-a-u.org/Teixeira.html>.
- _____. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas**. Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ, 1998. Dissertação de Mestrado.

_____. Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura. In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro**, ContraCapa, 2000.p.103-132.

_____. **Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo, Ed. Annablume, 2004.

_____. Torcidas Jovens: entre a festa e a briga. **Antropolítica**. Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Universidade Federal Fluminense. N.10/11. Niterói, Eduff, 1º/2º semestres 2001. Pág. 85-104.

TOLEDO, Luis Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, São Paulo, Autores Associados/ANPOCS, 1996.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SITES CONSULTADOS

<http://www.legiaotricolor.com.br/>

<http://www.loucosbotafogo.com/timeshist.php>

<http://www.guerreirosdoalmirante.com.br/gda/gda/exibir.php?noticia=53>

http://www.urubuzada.com.br/urubuzada_historia.asp